

Destaque Médio Oriente



O Exército israelita voltou a bombardear os arredores da capital libanesa, Beirute

Israel reforça ataques no Líbano, numa "guerra regional"

O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Israel Katz, anunciou que António Guterres é uma *persona non grata*

Ivo Neto

As Forças de Defesa de Israel (IDF) e militantes do Hezbollah envolveram-se ontem em confrontos no Sul do Líbano, no mesmo dia em que foram confirmadas as primeiras baixas entre soldados israelitas depois dos ataques terrestres que começaram na noite de segunda-feira. O anúncio por parte de Israel acontece poucas horas depois de novos bombardeamentos sobre os arredores de Beirute e quando se espera por uma resposta à investida de Teerão que na terça-feira lançou mais de 180 mísseis contra Israel.

À 98.ª divisão do Exército israelita, o corpo de elite das IDF que lutou durante meses em Gaza, juntou agora no Líbano uma divisão de infantaria, uma brigada blindada e soldados da Golani, explicam os enviados especiais do El País no Líbano. Por seu lado, o Hezbollah, em comunicado, dava conta de que os seus combatentes tinham entrado em confrontos directos com soldados

israelitas em Maroun al-Ras, uma cidade a pouco mais de 1,5 quilómetros da cidade israelita de Avivim, que o Hezbollah diz ter atingido na sequência de lançamento de rockets.

Na sequência dos confrontos, Israel confirmou a morte dos primeiros soldados. "As IDF (Forças Armadas israelitas) anunciaram a morte de sete outros soldados", disseram em comunicado, tendo já anteriormente comunicado a morte de um outro soldado. Segundo o jornal israelita *Haaretz*, citando fontes militares, alguns dos soldados foram mortos por mísseis antitanque disparados pelo Hezbollah, enquanto outros foram atingidos por fogo de morteiro. O balanço provisório do Ministério da Saúde libanês é de 55 mortos e 156 feridos na sequência da ofensiva aérea israelita das últimas 24 horas em cidades e aldeias do Sul do país.

"Quanto mais tempo durar a campanha militar de Israel, maior será o potencial de aumento da tensão sectorial à medida que o Inverno se aproxima, que os recursos se esgo-

ID: 113425572

30-10-2024

tam e que a raiva e o desespero da população aumentam”, avisa, no *Guardian*, Lina Khatib, directora do Instituto de Médio Oriente da SOAS (Londres). “O cruzamento das frentes libanesa e regional terá impacto na segurança do Líbano a longo prazo - mas também na de Israel”, acrescenta ainda.

Repetindo os passos dos dias anteriores, Beirute foi novamente alvo de bombardeamentos israelitas durante a noite. O alvo desta vez foi Dahieh, nos arredores da capital, onde poucos minutos antes das explosões foram lançados avisos para que as pessoas deixassem aquela zona. Segundo a Reuters, e tal como aconteceu nas manhãs anteriores, uma nuvem de fumo cobria o céu da capital libanesa nesta manhã, com equipas médicas ainda no local.

Pressão contra Guterres

Também ontem, o ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Israel Katz, anunciou que o secretário-geral da ONU, António Guterres, está impedido de entrar em Israel, tornando-se uma *persona non grata*. Katz justificou a decisão com o facto de Guterres não ter condenado “inequivocamente” o ataque do Irão a Israel, na terça-feira.

“Quem não consegue condenar inequivocamente o hediondo ataque do Irão a Israel, como fizeram quase todos os países do mundo, não merece pisar solo israelita”, escreveu nas redes sociais. “Este é um secretário-geral que ainda não denunciou o massacre e as atrocidades sexuais cometidas pelos assassinos da Hamas em 7 de Outubro, nem liderou quaisquer esforços para os declarar uma organização terrorista”, acusou ainda.

O antigo primeiro-ministro português tem sido uma das principais vozes no apelo a um cessar-fogo na Faixa de Gaza, criticando aquilo que diz ser um “castigo colectivo dos palestinianos” no enclave, já numa situação de grande fragilidade antes da guerra e amplamente dependentes de apoio internacional. Pediu também cautela depois de vários países terem cancelado os apoios à UNRWA, a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Médio Oriente, na sequência das acusações feitas por Israel de que os seus funcionários terão participado nos ataques do 7 de Outubro.

Após o ataque de mísseis iranianos contra Israel na terça-feira – que

Israel confirmou a morte dos primeiros soldados desde que iniciou as operações no Sul do Líbano

não fez vítimas entre civis do lado israelita - Guterres escreveu numa publicação nas redes sociais: “Condono o alargamento do conflito no Médio Oriente com escalada após escalada. Isto tem de acabar. Precisamos absolutamente de um cessar-fogo.”

Depois da reunião do Conselho de Segurança, que aconteceu ontem, António Guterres recusou comentar a posição tomada por Israel contra ele próprio. Mas, durante a reunião, voltou a condenar “o ataque maciço de mísseis do Irão contra Israel”, sublinhando que “estes ataques, paradoxalmente, em nada contribuem para apoiar a causa do povo palestiniano ou para reduzir o seu sofrimento”. “É mais do que tempo de parar o ciclo doentio de escalada após escalada que está a conduzir os povos do Médio Oriente directamente para o precipício”, acrescentou.

“Guerra regional”

Mas, se à pressão israelita por terra e por ar no Líbano se junta a pressão diplomática contra o principal rosto da ONU, o olhar dos principais analistas está centrado no que realmente pode acontecer no Irão, depois da investida de Teerão na terça-feira. “O Irão cometeu um grande erro esta noite – e vai pagar por isso”, disse Benjamin Netanyahu logo depois do ataque, deixando no ar uma resposta que pode escalar ainda mais o conflito. “A nossa acção está concluída, a não ser que o regime israelita decida fazer novas retaliações. Nesse cenário, a nossa resposta será mais forte e mais poderosa”, afirmou, por seu lado, o ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Abbas Araqchi, numa publicação no X na madrugada de ontem.

Para o jornalista Amos Harel, numa análise que escreveu ontem no diário *Haaretz*, “após quase um ano de luta, na terça-feira à noite, os israelitas estão envolvidos numa guerra regional”, que acontece depois de o “Irão se ter inserido no centro do conflito ao lançar um ataque de mísseis maciço e sem precedentes em solo israelita”.

“As negociações nos bastidores resumem-se agora às intenções de Netanyahu. Será que vai enviar outra mensagem ao Irão sobre o que Israel pode fazer no futuro, como fez em Abril, quando apontou para instalações militares na cidade sagrada de Isfahan? Irá destruir instalações de produção de petróleo e portos?”, questiona, por sua vez, no *New York Times*, o especialista em política externa David E. Sanger, que, no entanto, não tem dúvidas sobre a frágil situação que o Médio Oriente vive neste momento: “Depois de o Irão ter retaliado, na terça-feira, com o lançamento de cerca de 200 mísseis contra Israel, a situação transformou-se num dos momentos mais perigosos na região desde a guerra israelo-árabe de 1967.”

Há 1,5 milhões de sírios a viver no Líbano

Regime sírio persegue refugiados que regressam em fuga da guerra

Sofia Lorena

Os sírios que fugiram para o Líbano e agora fogem de regresso à Síria não têm como saber o que os espera. A maioria dos refugiados que vivem no território libanês não põe a hipótese de pisar a fronteira: o medo do regime que os fez fugir é maior do que o pânico de voltar a estar debaixo de bombas. Entre os que têm regressado, já há registo de detenções, em alguns casos para integração forçada no Exército. Os que continuam no Líbano, mas foram deslocados pelos ataques de Israel, ficam à porta dos abrigos oficiais, “só para libaneses”.

Bastaram poucos dias para a guerra no Líbano provocar 1,2 milhões de deslocados. É quase um quarto de uma população de 5,8 milhões. Mas é menos do que os 1,5 milhões de refugiados sírios que se estima viverem há mais de uma década no pequeno país. Entre os que fogem dos bombardeamentos, muitos são sírios que viviam nas regiões mais afectadas pela nova guerra, no vale de Bekaa, junto à fronteira, e também no Sul do Líbano.

“Antes de 29 de Setembro, o regime tinha imposto um pagamento de 100 dólares a todos os sírios que quisessem entrar na Síria, não só para os que vinham do Líbano. É algo sem precedentes no mundo, qualquer pessoa pode sair do seu país e depois regressar”, disse ao PÚBLICO Fadel

Abdul Ghany, fundador e director de uma das organizações de direitos humanos mais importantes da Síria, a Syrian Network for Human Rights (SNHR). O resultado é que “centenas de pessoas estiveram retidas na fronteira, a dormir à beira da estrada”. Esta semana, sob pressão, o regime de Bashar al-Assad acabou por anular a taxa para quem venha do Líbano.

De acordo com dados de terça-feira da Unidade Libanesa de Gestão do Risco de Catástrofes, 240 mil pessoas passaram a fronteira entre o Líbano e a Síria desde 23 de Setembro, dia em que os ataques aéreos de Israel mataram quase 500 pessoas em todo o país; destas, 176.080 são sírios.

Detenções arbitrárias

“Depois de entrarem na Síria, muitos destes refugiados têm sido sujeitos a investigações e já detectámos detenções arbitrárias”, afirmou Ghany. “Na Síria, sabemos que isso geralmente significa tortura e desaparecimento forçado”, sublinhou. Só em Setembro, de acordo com esta ONG, o número de detenções arbitrárias no país foi de 206, incluindo nove crianças e 17 mulheres – 158 casos já se transformaram em desaparecimentos forçados.

Para além disso, entre os regressados do Líbano, a organização já identificou nove jovens que foram detidos e levados para centros de segurança militares e que serão “integrados no Exército de Assad à força”, confirmou Ghany.

A detenção ou a perseguição por parte do regime não são as únicas preocupações de quem escolhe voltar. Muitos ficaram sem casa na guerra – muitas vezes em ataques e bombardeamentos levados a cabo pelo regime com o apoio do Irão e do Hezbollah (para além da Rússia) – e outros deixaram uma casa em pé, mas sabem que foi ocupada.

Dos refugiados sírios que vivem no Líbano, metade estão registados junto do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, o que lhes garante alguns apoios, mas os impede de trabalhar de forma ilegal. Segundo o ACNUR, 90% dos sírios no país vivem em “pobreza extrema”.

A situação destas pessoas já se tinha complicado no início do ano, quando Beirute começou a deportar refugiados à força para a Síria, ao mesmo tempo que alguns grupos políticos e religiosos protestavam contra a sua presença, o que levou a um número elevado de ataques contra refugiados. “Não aceitamos sírios... apenas refugiados libaneses”, ouviu Maryam Madallah, uma refugiada síria a viver na cidade de Tiro.

Recusada no abrigo, Madallah dormiu duas noites na rua, contou ao jornal sírio independente *Enab Baladi*. Depois, conseguiu chegar à tenda de uma tia, no campo de refugiados de Al-Marj, em Bekaa, onde teve de entrar às escondidas (e continua escondida) porque as autoridades proibiram os refugiados sírios de acolherem novos refugiados sírios.



Muitos refugiados sírios fugiram do Sul do Líbano para localidades mais a norte

Intercepção de mísseis EUA, Reino Unido e França ajudaram Israel a repelir o ataque do Irão

António Saraiva Lima

As Forças de Defesa de Israel (IDF) contaram com a ajuda das Forças Armadas dos Estados Unidos, do Reino Unido e de França para repelirem o ataque de terça-feira do Irão contra o território israelita, que envolveu o lançamento de cerca de 200 mísseis balísticos pelos Guardas da Revolução da República Islâmica.

Depois de Joe Biden, Presidente norte-americano, e de o Pentágono terem confirmado a participação da Marinha de guerra dos EUA na defesa de Israel, John Healey, ministro da Defesa do Reino Unido, revelou que as “forças britânicas” também “desempenharam o seu papel em tentativas de prevenir uma nova escalada”, e Emmanuel Macron, Presidente francês, disse que a França “mobilizou os seus recursos militares” para o mesmo efeito.

O ministro britânico agradeceu, por sua vez, a “coragem e o profissionalismo” de todos os soldados “envolvidos na operação”. E já depois de a BBC ter noticiado que a participação do Reino Unido incluiu o emprego de caças da RAF (Força Aérea), tal como aconteceu no anterior ataque iraniano contra Israel, em Abril, o Ministério da Defesa ofereceu mais esclarecimentos sobre o contributo britânico na terça-feira.

Através de um comunicado, o ministério informou que foram utilizados dois caças Typhoon e um avião-tanque de reabastecimento aéreo Voyager. “Devido à natureza deste ataque, [os aviões] não atingiram quaisquer alvos, mas desempenharam um papel importante na dissuasão mais alargada e nos esforços para evitar uma nova escalada”, explicou.

No ataque iraniano de Abril também tinham sido mobilizados aviões de guerra Typhoon, que estavam integrados na Operação Shader – uma missão militar contra o grupo islamista Daesh –, para interceptar e neutralizar drones iranianos no espaço aéreo do Iraque e da Síria.

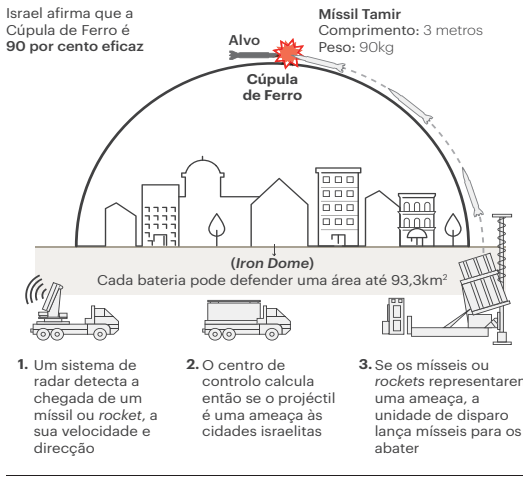
Keir Starmer, primeiro-ministro do Reino Unido, assegurou que o seu Governo “apóia Israel e reconhece o seu direito a autodefesa face à agressão” do Irão.

A par de um comunicado publicado pela presidência de Macron, o Ministério dos Negócios Estrangeiros de França disse apenas que o país “participou através de meios militares no Médio Oriente para responder à ameaça iraniana”. Mas não

Como funciona a Cúpula de Ferro

Sistema móvel de defesa antimísseis projectado para interceptar rockets e disparos de artilharia de curto alcance. Destina-se a combater ataques de veículos não-tripulados como rockets e drones

Israel afirma que a Cúpula de Ferro é 90 por cento eficaz



Fonte: Aljazeera

PUBLICO

explicou quais foram os meios.

Relativamente à participação norte-americana no apoio às IDF contra o ataque do Irão, o porta-voz do Departamento de Defesa dos EUA ofereceu alguns pormenores. Segundo Pat Ryder, foram mobilizados dois navios de guerra destroyers – o USS Bulkeley e o USS Cole – que estavam estacionados no Leste do mar Mediterrâneo, que dispararam “aproximadamente uma dezena” de mísseis interceptores contra os projecteis iranianos.

De acordo com Jake Sullivan, conselheiro de Segurança Nacional da Administração Biden, o Presidente e a vice-presidente, Kamala Harris, acompanharam o ataque do Irão e a resposta de Israel e dos seus aliados a partir da Casa Branca.

Mais tarde, congratulando-se com a “derrota e a ineficácia” do ataque iraniano, Biden sublinhou que se tratou de “uma prova da capacidade militar israelita e das forças armadas dos EUA”.

“É também uma prova do planeamento intensivo entre os Estados Unidos e Israel para antecipar e defender um ataque descarado que já esperávamos”, acrescentou, afirmando ainda: “Não tenham dúvidas: os EUA apoiam totalmente, totalmente, totalmente Israel.”

Para além do envolvimento directo dos dois destroyers norte-americanos, a defesa do território de Israel, em grande medida assente na eficácia do Iron Dome (Cúpula de Ferro) israelita, também contou com sistemas antimísseis e de defesa aérea desenvolvidos ou fabricados pelos EUA, nomeadamente o Arrow 1 e o Arrow 2, o David’s Sling e o Patriot.

Justificado pelo Irão como uma “vingança” pelas mortes de Ismail Haniyeh, líder do Hamas, e de Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, o ataque de terça-feira contra Israel surgiu cerca de 24 horas depois de as IDF terem invadido o Sul do Líbano, para levar a cabo “ataques limitados, localizados e direccionados a alvos” da milícia xiita libanesa, apoiada por Teerão.

Segundo as IDF, os cerca de 200 mísseis balísticos disparados pelos Guardas da Revolução causaram danos “menores” a infra-estruturas civis e danificaram algumas bases aéreas israelitas, que “não impedem”, no entanto, “as operações da Força Área em nenhuma fase”.

A invasão israelita do Líbano e os outros pontos do país, assim como o ataque aéreo do Irão a Israel, representam mais uma escalada da tensão no Médio Oriente.

Armamento balístico A tríade de mísseis supersónicos que Teerão usou contra Israel

Marta Leite Ferreira

Rápido, mesmo muito rápido. Um som emitido em Lisboa, a viajar a 1234,8 km/h e sem encontrar obstáculos pelo caminho, demoraria cerca de uma hora a chegar a Andorra, no outro lado da Península Ibérica. Mas o Fattah-2, um dos mísseis que compõem o arsenal do Irão, faria a mesma distância em apenas quatro minutos – 15 vezes a velocidade do som – com uma ogiva de 500 quilos no nariz e teria capacidade para transportar 200 quilos de explosivos, ao longo de até 1500 quilómetros. Foi isso o que a Cúpula de Ferro israelita, o sistema de defesa aérea do país, teve de enfrentar na terça-feira.

O nome deste míssil hipersónico, capaz de sair da atmosfera e regressar, fala por si. “Fattah” é um dos 99 nomes utilizados pelo Islão em referência a Alá e significa “Aquele que Abre”, “Aquele que Libertar”, “O Revelador” e “Aquele que Garante Sucesso”, de acordo com o My Islam, um site de literatura religiosa. Está operacional desde Junho do ano passado e tem uma vantagem em relação à primeira versão da arma: é altamente manobrável em missões de longo curso. O Fattah-2 está equipado com um motor de combustível sólido para controlar a direcção e hidrazina para acelerar ou realizar manobras em pleno voo – incluindo fintar o sistema de defesa israelita.



Os mísseis disparados pelo Irão foram quase todos interceptados pelas defesas de Israel

Mas, na constelação de mísseis que surgiram no céu israelita, na madrugada de segunda para terça-feira, havia muito mais do que os novos mísseis iranianos: alguns dos destroços encontrados no solo parecem pertencer ao Shahab-3, um míssil balístico de médio alcance com uma ogiva de até 1200 kg que pode ser de natureza nuclear, química, de explosivos ou submunições, como bombas de fragmentação. Foi criada com base num míssil Nodong-1 que Teerão comprou à Coreia do Norte em meados dos anos 90 e tornou-se o primeiro exemplar bem-sucedido de um míssil balístico de médio alcance desenvolvido pelo Irão, com capacidade para alcançar alvos fora da sua fronteira.

“Shahab” também tem um significado simbólico: é um nome árabe que significa “Estrela Cadente”, “Brilhan-

te” e “Luminoso”. “É a base de todos os mísseis balísticos de médio alcance que utilizam um propulsor líquido do Irão”, indicou Patrick Senft, coordenador de investigação da Armament Research Services, um serviço australiano de consultoria sobre armas e munições, à CNN International. Shahab-3 consegue ser tão preciso que a margem de erro em relação ao alvo, mesmo depois de viajar até 1300 quilómetros a uma velocidade de 2,4 quilómetros por segundo (sete vezes a velocidade do som), é de apenas 300 metros.

A tríade termina com um míssil nomeado em homenagem a Qasem Soleimani, comandante iraniano? que liderava desde 1998 a Força al-Quds, um ramo dos Guardas da Revolução, responsável pelas acções além-fronteiras (incluindo as clandestinas), até sido morto pelos Estados Unidos, em Janeiro de 2020. Qasem era considerado o homem mais poderoso do Irão a seguir ao ayatollah Ali Khamenei e descrito como “a personalidade operacional mais poderosa no Médio Oriente”, pelo ex-agente John Maguire, da CIA. Sete meses depois da sua morte, aprendeu também o Haj Qasem, míssil balístico que foi detectado nos últimos dias no ataque sobre Israel.

Haj Qasem viaja a 12 vezes a velocidade do som (o equivalente a mais de 4 km/s), tem um alcance de 1400 quilómetros, uma ogiva de 500 quilos e capacidade para “fintar os sistemas de defesa antimísseis”. Quando o míssil foi apresentado, em Agosto de 2020, Hassan Rouhani, Presidente do Irão na altura, afirmou que o país tinha “atingido as fronteiras do conhecimento no domínio dos mísseis terra-superfície”, estava “na vanguarda do conhecimento tecnológico” sobre estes mísseis e havia “superado todas as sanções dos inimigos em termos de mísseis de cruzeiro”.

Quatro anos mais tarde, esse mesmo míssil foi utilizado no segundo ataque deste ano do Irão contra Israel, quase seis meses depois da investida de Abril. As análises às imagens e aos destroços encontrados no solo fazem crer que Fattah-2, Shahab-3 e Haj Qasem estavam entre os 180 mísseis balísticos que as forças de Teerão lançaram contra Israel na terça-feira. O Irão já afirmou que deu por concluída a operação “de legítima defesa”, mas não vira costas ao inimigo: se Israel contra-atacar em resposta às investidas das últimas horas (algo que o Governo de Benjamin Netanyahu já prometeu que iria fazer), o Irão diz estar pronto a servir-se novamente do seu armamento balístico supersónico.

Francesca Albanese

“As pessoas estão a ver o que querem acreditar, e não a acreditar no que vêem” em Gaza

Maria João Guimarães

Relatora da ONU defendeu que Portugal deveria reconhecer o Estado da Palestina e reconsiderar relações com Israel

Entre o cansado e o exasperado que Francesca Albanese, relatora especial das Nações Unidas para os Direitos Humanos nos Territórios Palestínios Ocupados, fala na conferência de imprensa antes de uma intervenção com o mote “Anatomia de um Genocídio – o falhanço do sistema internacional” no Iscte, em Lisboa (estará ainda hoje às 18h no CCB numa sessão organizada pelo *Monde Diplomatique* e amanhã na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra) e em entrevistas individuais com jornalistas, incluindo o PÚBLICO.

Diz que Israel não é o único país a desrespeitar o direito internacional, mas vê-o como um caso único por o fazer “em série” e sem consequências. Quando uma jornalista lhe faz uma pergunta referindo que Albanese toma uma das partes, ela responde que a única parte que toma é a do direito internacional. E em relação às acções de Israel em Gaza, diz que “as pessoas estão a ver o que querem acreditar, e não estão a acreditar no que vêem”, já que Israel “nunca foi tão explícito” sobre a sua intenção da guerra em Gaza, e menciona ainda alguns dados do seu relatório *Anatomia de um Genocídio*: cerca de 80% de casas destruídas, a destruição de todas as universidades e de centenas de escolas, os ataques a hospitais com apenas seis (em 39) a terem algum grau de funcionamento.

E há ainda as palavras de alguns dirigentes. “Nem sequer é uma questão de não mostrarem intenção directa”, diz ao PÚBLICO. “Há uma intenção directa: Amaleque?”, diz meio a perguntar meio a exclamar, citando a passagem da Bíblia em que Deus manda o rei Saul matar todas as pessoas em Amaleque, a nação rival do antigo Israel, ordenando-lhe que não poupe ninguém, e que foi evocado pelo primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu (“lembram-se de Amaleque?”): “Vai e destrói tudo, todos, a mãe, o bebé, o camelo, os burros...”, cita. “É a destruição das pessoas e do seu modo de sustento. É uma ordem para muitos israelitas que se transformaram em carrascos voluntários.”



A relatora especial das Nações Unidas para os Direitos Humanos nos Territórios Palestínios Ocupados está em Lisboa

Esta é uma das questões centrais para que se fale, em termos jurídicos, em genocídio, que está a ser alvo de um processo iniciado pela África do Sul no Tribunal Internacional de Justiça (TIJ), um dos processos que têm trazido um holofote para os dois tribunais internacionais da Haia, onde o TIJ declarou recentemente que a ocupação israelita desde 1967 é ilegal, e onde o procurador do Tribunal Penal Internacional (TPI) pediu que fosse analisada a possibilidade de emissão de mandados de captura contra líderes palestínios pelos crimes de 7 de Outubro e não só e também a líderes israelitas, incluindo o primeiro-ministro e o ministro da Defesa.

“Nunca ouvi falar tanto de direito

“Tenho 100% de certeza de que os arquitectos deste genocídio vão ser responsabilizados”, diz Albanese

internacional”, congratula-se Albanese, para contar como tem sido abordada sobretudo por jovens que lhe agradecem as suas explicações de direito de modo simples e claro. “A lei existe para fazer a nossa vida mais segura, para nos proteger, e isso não está a funcionar”, diz. “Justiça – para alguns. Direitos humanos – para alguns. E isso quer dizer privilégios, não quer dizer direitos.”

Para a relatora especial da ONU, a geração mais jovem tem uma maior capacidade de empatia com “o outro”, uma consequência talvez de ser mais globalizada. Em relação a Israel, poderá a geração mais velha lembrar-se sobretudo de um país frágil a ser formado entre inimigos, e uma mais jovem que vê um país poderoso? “Sim, e a memória do Holocausto está mais perto para uma pessoa como Joe Biden do que alguém que esteja na universidade”, diz, para acrescentar: “Não quero que a memória do Holocausto se perca, na verdade, esta é a altura para relembrar as pessoas que o Holocausto não foi [só] os campos de concentração, foi a acumulação de séculos de perseguição a pessoas judias porque eram judias, impedindo-as de

exercer certas profissões, e tratandonas como animais...”

Por outro lado, se esta é uma altura em que o direito internacional parece estar a ter o seu momento, há muito questionamento sobre os efeitos, na prática, das decisões que são tomadas e que são vinculativas (como as medidas preventivas impostas pelo TIJ a Israel e a outros Estados, que tem tido efeito na legalidade da venda de armas, por exemplo), ou das opiniões que são emitidas sem o serem (como a opinião sobre a legalidade da ocupação israelita, que o TIJ declarou ilegal dizendo ainda que os palestínios deslocados teriam de ser compensados).

“Imperativo moral”

“Tenho 100% de certeza de que os arquitectos deste genocídio vão ser responsabilizados”, diz. “Não sei explicar porquê, é uma sensação que eu tenho, e é também isso que me faz continuar. Nada parece possível até ser possível.” Antes, ninguém falava de *apartheid* em relação a Israel, agora, há organizações israelitas e internacionais a usarem o termo, exemplifica.

“É um imperativo moral para todos

nós pressionar os nossos governos para serem coerentes e responsáveis, para aplicar o direito internacional. Portugal, como outros, tem de reconhecer as consequências de a ocupação ser ilegal, por isso têm de ser reconsideradas relações diplomáticas”, defende. Isso não seria um passo enorme? “Desculpem, há um genocídio a acontecer, e mesmo se não lhe quiserem chamar genocídio, crimes de guerra, crimes contra a humanidade, o que seja: não se apoia um país no momento em que este comete atrocidades, e isto não começou ontem.”

Por isso, ao ser questionada sobre o navio com pavilhão português – cujo armador disse que tinha pedido a retirada da bandeira, segundo a agência Lusa, devido a questões colocadas pelo executivo português – Albanese congratula-se com a retirada, mas diz que mais importantes seriam acções como o reconhecimento do Estado da Palestina ou o repensar de relações diplomáticas, económicas, “até a academia – a academia em Israel também está a contribuir” para violações de direitos humanos, diz, dando como exemplo os programas de vigilância.

ID: 113425572

03-10-2024



Méio Oriente
Israel reforça
ataques no
Líbano numa
“guerra regional”

Destaque, 2 a 5